

Franciane Dama Junqueira

**Livros interativos brincantes para a infância:  
Reflexões a partir de quatro publicações  
relacionais da editora Tigrity**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação lato sensu “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação” da Faculdade Faconnet, pólo “A Casa Tombada”

São Paulo

2022

Agradeço imensamente à turma 7, nosso *bando*, e a todos os professores e coordenadores do curso que tornam o nosso trabalho e pesquisa uma aventura e grande privilégio.

## **Resumo**

No presente trabalho de Conclusão de Curso da pós-graduação *O livro para a infância d'A Casa Tombada*, proponho uma breve reflexão acerca do livro interativo, seus aspectos relacionais e brincantes a partir de alguns títulos publicados pela Editora Tigrito que apresentam aos leitores propostas interativas em seu projeto gráfico e também publicações de outras editoras, dando ênfase às independentes e brasileiras.

Palavras chave: livro interativo; livro objeto; livro brincante; literatura para a infância; editora independente

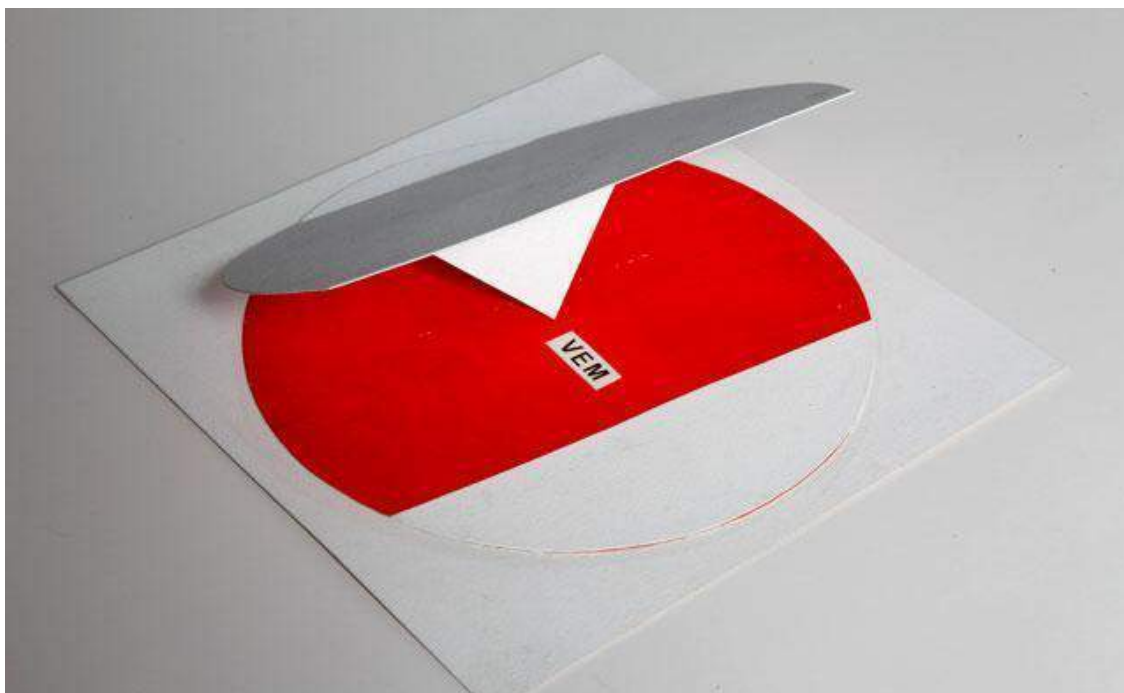
## **Abstract**

In the present work of Completion of Course of the postgraduate course *The book for childhood of A Casa Tombada*, I propose a brief reflection about the interactive book, its relational and playful aspects from some titles published by Editora Tigrito that present to the readers interactive proposals in its graphic project and also publications from other publishers, emphasizing the independent and Brazilian ones.

## Sumário

1 - Introdução: O encantamento pelo objeto livro.....	5
2 - O relacional e o brincar.....	16
3 - O que são livros interativos brincantes?.....	19
4 - O atual mercado editorial independente brasileiro.....	26
5 - Os livros da Editora Tigrito.....	30
5.1 - <i>O salto</i> .....	30
5.2 - <i>Greg, o menino que morava em um trem e Seu Tainha</i> .....	33
5.3 - <i>Bicho? Que bicho?</i> .....	39
6 - Leitores brincantes e a figura do mediador.....	42
7 - Considerações finais.....	45
Referências.....	46

## 1- Introdução: O encantamento pelo objeto livro



*Livro Poema. Lygia Pape, 1957.*

No presente estudo para a pós-graduação *O livro para a infância d'A Casa Tombada*, proponho uma breve reflexão acerca do livro interativo como objeto relacional e brincante a partir de alguns títulos da Editora Tigrito que apresentam aos leitores propostas interativas em seu projeto gráfico e também publicações de outras editoras, dando preferência as independentes e brasileiras. Para isso, trago os registros dos processos criativos das obras e também a recepção de alguns leitores e especialistas, que considero essenciais na observação deste acontecimento que é um livro.

Como editora independente e fundadora da Editora Tigrito<sup>1</sup> - uma pequeníssima casa editorial carioca especializada em livros para infância - tenho a liberdade de escolha e influência em todas as etapas do livro juntamente com os autores de texto, imagem e forma. Nestas experiências, vejo o livro como mediador entre pessoas e a narrativa *texto-imagem-papel* como poderosa ativadora de encontros.

---

<sup>1</sup> Site da Editora Tigrito: <https://www.editoratigrito.com/> Acesso em 11/11/22.

Nosso catálogo é composto, em sua maioria, por livros em formato tradicional, ou seja, obras de texto escrito e visual, impressas em folhas de papel, unidas com cola ou costura, protegidas entre duas capas, mas, por vezes, sentimos que uma história nos convida à experimentação e desenvolvemos livros com formatos alternativos. Alguns autores têm em mente o leitor como participante e/ou sugerem materialidades para seus projetos logo na apresentação de seus originais, outros vão incluindo no processo de feitura do livro.

A curadoria dos textos que se tornarão livros na editora é feita de forma intuitiva e, geralmente, a ideia de um projeto gráfico com alguma experimentação formal chega depois da análise do original, nas conversas com os autores e designers. Um dos momentos mais significativos do meu trabalho como editora é unir os escritores e os ilustradores e pensar a construção das obras e suas materialidades, independente de se tornarem livros tradicionais em sua forma ou não. Cada projeto de livro é um aprendizado, na busca da forma do texto, da construção visual e tátil, do tom daquela história.

O livro carrega em si um valor tão grande na cultura humana que o convívio com o mesmo vai desde os espaços sagrados até os mais corriqueiros, vai do altar ao ônibus, do museu à bolsa. A relação pessoa-livro é de respeito, curiosidade e encantamento. O livro é um objeto que, tanto para o criador de livros quanto para o leitor, tem infinitas possibilidades de interação. A leitura do texto escrito e do texto visual unida à manipulação sensorial deste objeto de papel, tinta e pensamento desencadeia o exercício da imaginação e a maioria dos leitores guarda, ao menos, uma obra em um lugar especial de afeto.

Dessa forma, escolhi para abrir este estudo, um trabalho que simboliza em si mesmo o irresistível convite para a participação feito pela artista multimídia fluminense Lygia Pape, intitulado *Livro Poema* (1957).<sup>2</sup>

Nesse livro, o leitor é inicialmente seduzido pela cor, uma fresta vermelha e elegante. Ao manuseá-la e descobrir a palavra cujo conteúdo semântico (vem) é um chamamento, fica claro o convite para que ele entre e se perca naquele vermelho antes escondido sob o branco e, agora, revelado. O mundo plástico da artista passa pelo entendimento de que a arte se completa na recepção da obra. Existe uma dimensão no seu fazer artístico

---

<sup>2</sup> PAPE, Lygia. *Livro Poema*. 1957 Enciclopédia Itaú Cultural Online .Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape/obras>. Acesso em 10/09/22

que permite a incorporação da pessoa que o contempla e a percepção é construída por complementaridade.(MARTINS,2014,P. 64) <sup>3</sup>

Entramos. Agora que aceitamos seu convite para entrar, pensamos, a obra *Livro Poema* é um livro? É interativo pois convida o leitor a abri-lo, mas é um livro de artista? Um livro-obra? Consideramos ele um livro pelo que indica seu título ou já estamos plenamente convencidos de que, entre duas folhas, há sempre uma história? Segundo a Enciclopédia Online Itaú Cultural, podemos entender o livro de Pape como um livro-objeto:

Livro de artista é uma obra de arte em si, concebida integralmente em forma de livro. A leitura de um livro de artista não se encerra no deciframento de seu código, pois suas características não verbais, como a materialidade, são tão relevantes quanto o texto escrito.(...) O termo "livro de artista" designa um vasto e variado campo artístico. Essa natureza híbrida dificulta a organização em museus e bibliotecas. O ensaísta inglês Clive Phillpot (1938) propõe uma classificação dos livros de artista em sua posição intermediária entre livro e arte. O livro de artista, então, pode ser: 1) apenas um livro, em seu aspecto formal; 2) um livro-obra, quando mescla práticas editoriais com técnicas e conceitos das artes plásticas; ou 3) um livro-objeto, quando se aproxima do escultórico e perde a funcionalidade do livro convencional.<sup>4</sup>

O encontro com a obra de Lygia Pape chamada o *Livro da Criação* de 1959 - que pode ser lido como escultura, livro e/ou poema - me causou grande impacto pela proposta de manuseio, a ausência de palavras, pelo desmembramento do objeto livro e também pela influência da luz e, antes mesmo de ter acesso ao pensamento acerca do livro para a infância, ou mesmo trabalhar na área editorial, as potencialidades do livro como objeto ativo já me aproximavam do pensamento do brincar.

Estas aproximações entre os livros produzidos por artistas visuais e os livros infantis são confirmadas por Amir Brito Cadór em seu texto *O signo infantil em livros de artista*<sup>5</sup>, no qual ele delinea as similaridades e imbricações dessas obras, partindo da definição do designer Guto Lins (2002, p.44) de livro infantil: *são livros que, pela temática, pelo uso de imagem, pelas cores, pelo formato, são indicados*

---

<sup>3</sup> MARTINS, Maria Clara Amado. *As fronteiras culturais nas artes visuais. A obra de Lygia Pape*. 2014 <https://revistas.ufjf.br/index.php/interfaces/article/viewFile/29783/16785> Acesso em 20/09/22.

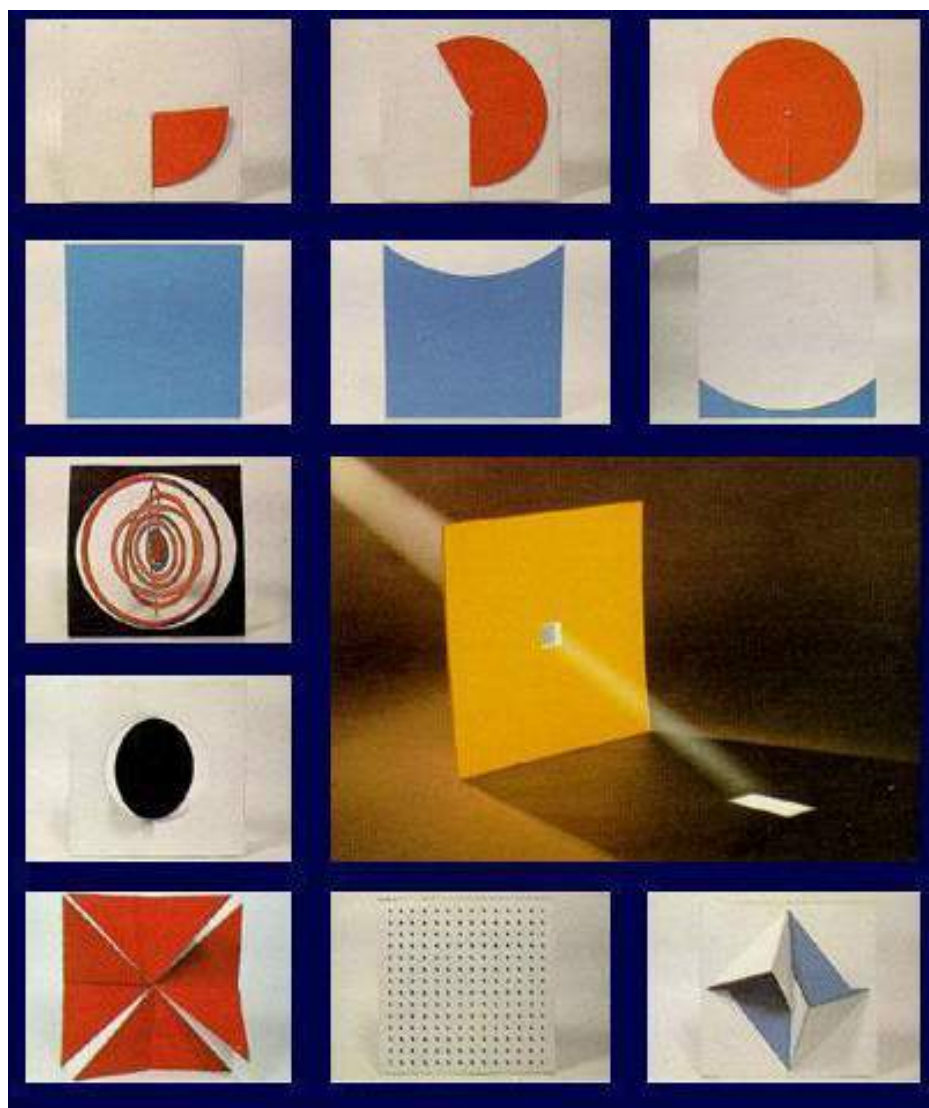
<sup>4</sup> Verbete Livro Objeto in Enciclopédia Itaú Cultural.

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14340/livro-de-artista> Acesso em 20/09/22.

<sup>5</sup> LINS, 2022 apud CADÓR, Amir Brito, O signo infantil em livros de artista. in Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 59 - 72, mai. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15430/12287> Acesso em 11/11/22.

principalmente para as crianças. E conclui que: a presença de cada um desses elementos é um signo infantil em livros de artista.

O *Livro da Criação* dá início a trilogia de obras composta também por *O Livro arquitetura* e *O livro do tempo*, iniciada em 1959 e finalizada em 1963, na qual a artista desafia as noções de criação, espaço e tempo.<sup>6</sup>



*Livro da Criação*. Lygia Pape, 1959.

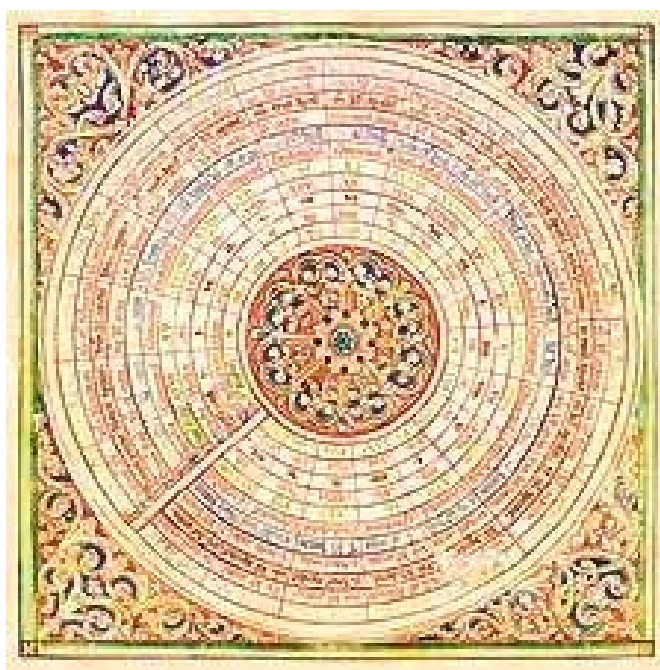
Suas cores, formas e ausência de texto escrito - seus *signos infantis* - sugerem uma aproximação do universo infantil, apesar de não terem sido pensadas especificamente para este grupo. Os livros-objeto de Pape pressupõem que o

<sup>6</sup> PAPE, Lygia. *O Livro da Criação*, 1959. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural Online in <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape/obras>. Acesso em 10/09/22. No o vídeo do Museo Reina Sofía, cuja obra faz parte do acervo desde 2014 no qual os museólogos fazem a montagem da obra <https://vimeo.com/138172224>. Acesso 11/11/22



público/leitor/participante já esteja familiarizado com o conceito de livro, são obras que pensam o livro ao mesmo tempo que usam de sua ideia para construir significados novos a partir do brincar, da interação com o objeto. O que me leva às perguntas: a partir de qual momento, encantado pelo objeto livro, decidimos alterá-lo? Como podemos entender um pouco os caminhos da experimentação das suas materialidades? Quando os criadores de livros começaram a pensar formas de pensar este objeto e incluir o leitor na construção do significado da obra?

Os primeiros criadores de livros que incluíram partes móveis, ou seja, os primeiros livros interativos que se tem notícia, foram o monge beneditino Mateus de Paris <sup>7</sup>, no livro *Chronica Majora*, e o religioso catalão Ramón Llull, no livro *Ars Magna*, ambos no século XIII. Nas duas obras encontramos discos móveis chamados *volvelle*: “Um *volvelle* é “Um dispositivo que consiste em um ou mais pergaminhos móveis ou discos de papel girando em pivôs de cordas e cercados por círculos graduados ou figurados. Com sua ajuda, problemas relativos ao calendário, tabelas de marés, astronomia e astrologia poderiam ser resolvidos”<sup>8</sup>



*Volvelle* do livro *Chronica Majora*. Mateus de Paris, 1240-1253

<sup>7</sup> COSTA, Jessica Franco Spilla. *Bebês e livros: um estudo sobre edições para pré-leitores*. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/28364/1/documento.pdf>. Acesso em 20/09/22.

<sup>8</sup> Tradução minha, fonte:

<https://iastate.pressbooks.pub/cardinaltales1/chapter/rare-book-highlights-volvelles/>

No século XVI surgem livros,<sup>9</sup> principalmente de anatomia, com abas coladas que serviam para mostrar as diferentes camadas do corpo e os órgãos numa tentativa de representação em três dimensões, as abas também eram usadas para ocultar as partes íntimas dos corpos. O livro alemão "Kleiner welt spiegel, das ist, abbildung göttlicher schöpfung an dess menschen leib: mit beygesetzter schriftlicher Erklärung: so wo zu Gottes Weissheit: als dess menschen selbst erkandtnuss dienend", publicado em 1661, é composto por 120 abas.



Detalhes do livro de anatomia, 1662.

No século XVIII, surge uma modalidade de livro-objeto literário para as crianças e jovens, os livros de metamorfose, *turn-up* ou *harlequinades*:

<sup>9</sup>"Kleiner welt spiegel, das ist, abbildung göttlicher schöpfung an dess menschen leib : mit beygesetzter schriftlicher Erklärung : so wo zu Gottes Weissheit : als dess menschen selbst erkandtnuss dienend" in <https://www.cnet.com/science/17th-century-flap-book-details-the-wonders-of-anatomy/>

Já no século XVIII, um novo livro-objeto ganha popularidade. São os livros turn-up, ou metamorphoses books, que também são conhecidos por Harlequinades. Tal nome faz referência ao personagem Arlequim, e a primeira versão impressa desse tipo de livro-objeto data de 1765, obra que sai das mãos de Robert Sayer <sup>10</sup> (COSTA, 2019, p.34)



*Harlequinades*. Simon Mcleish, séc.XVIII

Robert Sayer(1725–1794) foi um foi um dos principais editores e vendedores de gravuras, mapas e cartas marítimas na Grã-Bretanha georgiana. Estes livros tinham como objetivo a interação do leitor e a criação de uma experiência literária

<sup>10</sup> COSTA, Jessica Franco Spilla. Bebês e livros: um estudo sobre edições para pré-leitores . Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/28364/1/documento.pdf>. Acesso em 10/08/22.

com surpresas a partir de abas que escondiam e revelavam partes da história: *Uma arlequinada (conhecida também como metamorfose, flip-book ou turn-up book) é composta por duas folhas únicas gravadas. A primeira folha é dobrada perpendicularmente em quatro seções. Uma segunda folha é cortada ao meio e articulada nas bordas superior e inferior da primeira para que cada aba possa ser levantada separadamente. As folhas são dobradas em quatro, como um acordeão, e depois costuradas grosseiramente com uma capa de papel. Um verso em cada seção da aba conta uma história simples, geralmente terminando com instruções para virar a aba para continuar. Quando a aba é virada para cima ou para baixo, o espectador vê que metade da nova imagem se encaixa na metade da aba não levantada, então o ato de levantar uma aba após a outra cria um desdobramento surpresa da história.*<sup>11</sup>

Podemos observar que o desejo por capturar a atenção do leitor, encantar e entreter, além de informar e educar, já estava presente nos criadores de livros e a produção de publicações que incorporam aspectos dos jogos e brinquedos aumentou cada vez mais com a evolução dos estudos de educação infantil:

A partir do século XVIII aparecem os primeiros estudos de Johann Heinrich Pestalozzi, que defende a utilização de livros e imagens para o desenvolvimento das crianças desde os primeiros anos de vida. Nessa época também surgem os primeiros livros para crianças no mercado livreiro (LAJOLA; ZILBERMAN, 1982), através do trabalho de John Newbery, que inicia a edição de livros para criança, de forma que esses passam a integrar o mercado editorial inglês (DARTON, 1982).<sup>12</sup> (COSTA, 2019, p.32)

No início do século XIX, surgem e se popularizam as *paper dolls* (bonecas de papel de vestir) e também os livros-objeto passam a ser produzidos em maior quantidade para o público infantil:

Através das obras da editora Dean & Son, que publica mais de 70 livros que possuem diferentes recursos e mecanismos. Surge, assim, o termo *toy book*. Nesse século, novas nomenclaturas e trabalhos arquitetônicos de papel surgem pela Europa, principalmente na França, Alemanha e Inglaterra. O primeiro livro de banho surge na França em 1821, chamado *The Toilet*, e era destinado às meninas. Com o sucesso da obra, o autor, William Grimaldi, trabalha em uma obra similar para meninos, que é então publicada em 1824 com o título *A Suit of Armour for Youth* (MARTINS; SILVA, 2016, p.68). Na Tchecoslováquia, o austríaco Vojtech Kubasta foi um

<sup>11</sup> Tradução minha. MCLEISH, Simon in *Harlequinades* in <http://blogs.bodleian.ox.ac.uk/theconveyor/harlequinades/>. Acesso em 03/08/22.

<sup>12</sup> COSTA, Jessica Franco Spilla. Bebês e livros: um estudo sobre edições para pré-leitores . Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/28364/1/documento.pdf>. Acesso em 10/08/22.

importante expoente desses trabalhos com papel, como os livros peep-show<sup>13</sup> (COSTA, 2019, p.35)



*The Thames Tunnel Peep-show Book. Marc Brunel, 1847.*<sup>14</sup>

E no século XX, a partir de 1929, os livros interativos ganham força no mercado editorial mundial, especialmente as obras voltadas ao público infantil, com releituras de clássicos já conhecidos pelo público no fascinante formato de *pop-up*. O encantamento pelo livro, pelo conhecimento e pela literatura levou os criadores de livros a desenvolverem técnicas de impressão, montagem e movimento. Os leitores poderiam conhecer lugares distantes, ver pontos turísticos, saber sobre as estrelas ou ver Gepeto e Pinóquio dentro da boca do grande peixe com um virar de páginas. O movimento e o mistério ganhavam um maravilhoso palco entre duas capas, ao alcance das mãos.

Sendo assim, aprendemos que, antes mesmo das artes visuais cunharem o termo arte relacional, livro-objeto ou livro-obra, o universo do livro já incluía a participação do leitor nos livros interativos, para divertir e/ou informar. E porque o relacional/ participativo fala tão alto ao coração do leitor? E qual seria o seu lugar de direito na literatura para infância?

---

<sup>13</sup> COSTA, Jessica Franco Spilla. Bebês e livros: um estudo sobre edições para pré-leitores . Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/28364/1/documento.pdf>. Acesso em 10/08/22.

<sup>14</sup> Fonte da Imagem: <https://www.ssgreatbritain.org/collection-stories/thames-tunnel-peepshow-1830/> Acesso em 10/11/22.



Imaged by Heritage Auctions, HA.com



Imaged by Heritage Auctions, HA.com

*Pinocchio*. Harold Lentz, Blue Ribbon Books (1932)<sup>15</sup>

Com o objetivo de aprofundar estas reflexões, o presente estudo foi dividido nos seguintes *capítulos*: 2 - *O relacional e o brincar*, no qual busco lugares de contato entre a arte relacional e os potenciais relacionais de um livro e o brincar

<sup>15</sup> Fonte das imagens:

<https://historical.ha.com/itm/books/children-s-books/-pop-up-book-harold-lentz-illustrator-the-pop-up-pinocchio-blue-ribbon-1932-first-edition-animated-with/a/6100-36428.s>

infantil; 3 - *O que são livros interativos brincantes?* onde procuro delinear o que são livros interativos e suas variações; 4 - *O mercado editorial independente brasileiro*, traço um pequeno panorama acerca das características e motivações de algumas editoras independentes brasileiras que produzem livros; 5 - *Os livros da Editora Tigrilo* e seus subcapítulos, nele discorro sobre os livros interativos ou que apresentam alguma experimentação em seu projeto gráfico e seus processos criativos; e por fim o 6 - *Leitores brincantes e a figura do mediador* no qual reflito sobre a mediação de leitura e presença do adulto durante a experiência leitora da criança, bem como o nosso lugar de produtores de livros para a infância.

## 2. O relacional e o brincar

“O céu tem três letras  
 O sol tem três letras  
 O inseto é maior.  
 O que parecia um despropósito  
 Para nós não era despropósito.  
 Porque o inseto tem seis letras e o sol só tem três  
 Logo o inseto é maior.(...)”

Trecho do poema *Brincadeiras*, Manoel de Barros<sup>16</sup>

Meu interesse pela arte relacional se reflete diretamente na construção do catálogo da editora e na própria escolha de trabalhar como editora, pois fazer livros é um trabalho essencialmente colaborativo. A arte relacional é compreendida como aquela que necessita da interferência do público, extrapolando a tradicional posição passiva do espectador.<sup>17</sup> Somado a este interesse, as experiências em sala de aula como professora de artes e também como ilustradora de livros para infância, me levaram a perceber e me encantar pelo livro como obra literária e potencialmente também relacional.

Na sala de leitura da escola municipal na qual eu era professora de artes, comecei a ter contato com os livros para infância e eles sempre me auxiliaram na aproximação das crianças, eu buscava nas prateleiras ofertas de paz, espelhos, respostas e perguntas. E através desta experiência dentro da escola pública, tive acesso aos livros para infância em sua sala de leitura, que era abastecida com livros de qualidade e muito diversos, além de contar com a presença de uma professora que criou um ambiente caloroso e criativo para alunos e professores.

Na escola, eu priorizava a leitura de livros para as crianças e muitas vezes nós construímos livretos, com uma folha A4 dobrada e um grampeador, para que as crianças tivessem uma “casa” para suas histórias e pudessem experimentar as materialidades do livro. É curioso como a inclusão de capas a um conjunto de folhas dobrado parece dar legitimidade à história ou torná-la mais importante.

---

<sup>16</sup> BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas para crianças*. Editorial Planeta, 2011.

<sup>17</sup> “O foco da arte relacional está predominantemente na preocupação com as relações humanas na arte, do artista com seu entorno e com seu público. Na arte relacional, as experiências e repertórios individuais estão a serviço da construção de significados coletivos, o que faz com que a participação do público seja um fator-chave na ativação ou efetivação de tais propostas. Valorizam-se as relações que os trabalhos estabelecem em seu processo de realização e de exibição, com o envolvimento de artistas e do público’ Fonte: [https://www.catalogodasartes.com.br/historia\\_arte/tDc/](https://www.catalogodasartes.com.br/historia_arte/tDc/)



Pensando na materialidade que venho discutindo, bem como suas potencialidades relacionais, trago como referência o artista e designer Italiano Bruno Munari (1907-1998), que contribuiu imensamente para o pensamento acerca do objeto livro e refletiu sobre inícios, formas e formações, para adultos e também crianças. Diferente dos livros de Lygia Pape citados anteriormente, que foram pensados sobretudo para o público adulto e no espaço institucionalizados de arte, Munari tinha em mente o pensamento do livro como experiência estética, relacional, sensorial e de educação dos sentidos.

Em seus *Livros Ilegíveis*<sup>18</sup> Munari desafia o adulto, já condicionado a priorizar a informação escrita, a criar uma narrativa sem a direção dada pelas palavras, os livros são um convite para brincar com o objeto e suas cores, formas, texturas e demais informações sensíveis. O jogo e a brincadeira são fortes diretrizes do pensamento de ambos os artistas e isto se deve, em partes, pelo pensamento voltado para a materialidade e a concretude buscada nas obras em oposição ao simbolismo ou a interpretação das mesmas, ecos do pensamento progressista da época.



*Livro Ilegível*. Bruno Munari. 1984.

Para as crianças, Munari propunha que sua imaginação e cognição ainda mutáveis, se beneficiam da exploração livre dos aspectos sensoriais dos *Pré-livros*, criados entre 1949 e 1952, enquanto alimentava um acordo tácito de que, entre duas capas há uma história, e o leitor pode criá-la com sua criatividade e manuseio.

---

<sup>18</sup> MUNARI, Bruno. Livro Ilegível "MN1", 1984. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/officinacreativa/sets/72157603321794219/> Acesso em 11/11/22.



Pré-livros. Bruno Munari, 1950<sup>19</sup>

Os protótipos dos *Pré-livros* foram oferecidos às crianças em idade pré-escolar e, depois de testes e adaptações, foram produzidos pela editora italiana Danese, no início dos anos 80. São 12 livros quadrados, sem palavras, tamanho 10X10cm, encadernados de diversas formas e feitos com materiais tão variados quanto papel, plástico, tecido, couro, feltro, entre outros materiais.

Estas obras de Pape e Munari, que também poderiam ser classificadas como livros de artista<sup>20</sup> ou livro-obra, nos ensinam, entre muitas coisas, que o livro é um objeto do brincar, do livre brincar da imaginação e da possível ativação do corpo neste encontro. Tais livros, nos desafiam a pensar a forma do livro, nossa relação com a leitura, com a escrita, com o espaço e a interação com o objeto artístico.

Nos quatro livros da editora Tigrito escolhidos para este trabalho, podemos encontrar experiências que ativam o corpo em maior ou menor grau e que se aproximam mais ou menos do livro tradicional, mas, em todas elas, a experiência interativa, relacional ou brincante pode ser percebida, em todas elas o leitor é visto como participante. E são os próprios leitores que nos auxiliam a ver novas formas de ler o livro, muito além do que podemos supor enquanto editores, autores ou adultos.

<sup>19</sup> Imagem de *Pré-livros*. Bruno Munari. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/officinacreativa/sets/72157603321794219/> Acesso: 11/11/22

<sup>20</sup> Verbetes livro de artista Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14340/livro-de-artista>. Acesso: 11/11/22

### 3- O que são livros interativos brincantes?

Segundo a autora Tizuko Morchida Kishimoto<sup>21</sup>, a brincadeira e o brinquedo são direitos da criança, o brincar é o eixo principal da educação infantil, e sua importância está no protagonismo de ação, escolha e interação com o mundo através do brinquedo. Segundo a mesma, a brincadeira tem relação com o imaginar e é um saber adquirido, como ensina Vygotsky<sup>22</sup>, e defende que o brincar tem relação com a ação e também a cultura. Uma característica do brinquedo é ser dinâmico, poder ser usado de formas diferentes, em momentos ou por pessoas diferentes. Enquanto o jogo ou brincadeira tem regras implícitas, que podem ser criadas pela criança ou aprendidas por ela, criando a chamada *cultura lúdica*<sup>23</sup> essencial para interação com outros pares. Podemos então considerar o livro um brinquedo quando faz parte do universo infantil?

A criança brinca com tudo a sua volta, pensa com as mãos, aprende através do brincar e, quando em contato com o livro, lê, vê, ouve e brinca com ele, geralmente sem nenhum impedimento de torná-lo uma rampa de carrinhos, um chapéu ou uma casinha de bonecas, mesmo que o livro tenha o formato comumente compreendido como tradicional. Diferente do leitor adulto, que já entende o livro como um objeto cultural dotado de aura e valor específicos, a criança não tem hierarquia entre o livro e a bola, desde que o livro seja uma parte de seu cotidiano.

O livro, em seu formato mais simples e tradicional, é perfeito, um maço de folhas encadernado, guardado por duas capas. E, logo que aprendemos que dentro deste objeto são guardadas histórias e conhecimentos, ganhamos um grande parceiro para a vida. Mas a criatividade humana, também a partir do encantamento por este objeto, decide - talvez através de sua porção criança preservada - inventar abas, dobras, sons e outros acréscimos divertidos ao livro aproximando o mesmo de um brinquedo, multiplicando os nomes do livro para livro brinquedo, livro brincante, livro interativo, livro objeto, livro experimental, livro de artista etc.

---

<sup>21</sup> KISHIMOTO, Tizuko Morchida em entrevista para a Univesp TV, gravada em 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=09w8a-u-AUU>. Acesso em 20/09/22.

<sup>22</sup> O psicólogo bielo-russo Lev Vygotsky (1896-1934) desenvolveu a teoria sociointeracionista, que prega a influência do meio no processo de aprendizagem.

<sup>23</sup> KISHIMOTO, Tizuko Morchida em entrevista para a Univesp TV, gravada em 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=09w8a-u-AUU>. Acesso em 20/09/22.

O livro brinquedo pode ser compreendido como um livro que, além da narrativa escrita, apresenta acessórios interativos e/ou uma materialidade que estimula o manuseio da criança e sua experiência leitora através de texturas, sons e até pequenos objetos. Este tipo de livro geralmente é destinado às crianças menores que ainda não dominam a leitura de palavras e frequentemente são derivados de personagens famosos de filmes, desenhos animados e jogos.

*No Brasil, esse termo começou a surgir nas chamadas das capas de livros infantis entre os anos de 2009 e 2010 (PAIVA, 2013). Os anos de 1980 marcaram o início da sua produção no país, ora com a intensificação das importações, ora com a produção própria, destaque aqui para os trabalhos com livros de panos de Isis e Valéria Gomes (Noquinha, Neneca Peteca e Auau Lambão) e da pesquisadora Lúcia Pimentel Góes que juntamente com sua filha Alice, apresentou pela editora Saxônia, os livros de madeira (Patota animalda e O ir), ambos entre os anos de 1980 e 1990 (DEBUS, GONÇALVES, 2018. p. 127)<sup>24</sup>*

Podemos observar que o mercado especializado em livros brinquedo muitas vezes explora a visualidade e personagens famosos em detrimento da narrativa literária, ou da experiência artística, e são vistos como uma opção fácil de presente para crianças que ainda não são alfabetizadas sendo encontradas em quantidade em livrarias com acervo mais comercial.

Nas livrarias e bienais, o livro-brinquedo vem conquistando público e espaço. É um gênero legitimado pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) desde os anos 90 no país, assim como é resenhado como categoria literária pela *Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil* da Biblioteca Monteiro Lobato (SP) desde os anos 80. Tudo isso, de modo interdependente, constitui um panorama significativo para a compreensão de uma dinâmica de criação contemporânea e seu alcance – e usufruto – no campo de produção de livros nacionais e internacionais.<sup>25</sup>

E no que se difere o livro brincante do livro brinquedo? Podemos escolher chamar de livro brincante aquele que convida ao brincar, sem necessariamente a inclusão de acessórios (bonecos, figurinhas, pelúcias etc), mas aqueles que instigam o leitor a explorar a materialidade do livro, ler a história de forma visual e sensorial,

---

<sup>24</sup> DEBUS, Eliane Santana Dias e GONÇALVES, Fernanda. *Livros-vivos nas mãos de crianças brincantes: muitas histórias para contar*. Revista Horizontes, v. 36, n. 2, p. 125 - 132, mai./ago. 2018. Disponível em <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/507/292>. Acesso em: 10/10/2022.

<sup>25</sup> PAIVA, Ana Paula em entrevista para Ceale Disponível em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/o-que-e-um-livro-brinquedo.html>. Acesso em: 10/11/2022.

bem como aqueles que desafiam a própria concepção de livro tradicional sempre favorecendo a experiência literária.

A editora Jujuba tem se especializado em literatura para bebês e explora além do livro cartonado ou de banho<sup>26</sup>, um tipo de livro brincante que tem texto literário, abas, rimas e a brincadeira de esconder e achar que os bebês apreciam. Como o livro de Aline Abreu, *Mágica! Nina e Ludovico*<sup>27</sup>.



PÔE O PÉ, TIRA O PÉ,  
FICA SEMPRE O CHULÉ!



LUDOVICO, VIRE UM...

*Mágica! Nina e Ludovico. Aline Abreu, 2020.*

<sup>26</sup> Livros cartonados são aqueles que apresentam tanto a capa quanto o miolo em papel cartão de gramatura alta, tornando-os mais resistentes para o manuseio dos bebês e crianças pequenas. Já os livros de banho, em geral, são feitos em material impermeável e podem ser molhados.

<sup>27</sup> Fonte: <https://www.jujubaeditora.com.br/Nina-e-Ludovico-magica>

Um exemplo com projeto gráfico simples e acabamento artesanal é o livro *A tromba*, de Tino Freitas e Debora Barbieri, publicado pelo Coletivo BabaYaga em 2019. Segundo o site da editora: *A tromba é um livro-brinquedo. Em uma união de olhares e linguagens, essa história criada e produzida por Tino Freitas, Debora Barbieri e o coletivo, mistura poesia, lenga-lenga e carta enigmática em um projeto gráfico que dá ritmo à narrativa e permite muitas brincadeiras.*<sup>28</sup>



*A Tromba. Tino Freitas e Debora Barbieri, 2019.*

O livro é encadernado em formato sanfona e, além da brincadeira de enigma para o leitor descobrir o texto, se desdobra em uma longa tira que lembra uma tromba, adicionando uma experiência brincante inusitada, sem que exista qualquer ilustração de um elefante

Os livros-imagem, ou livros sem palavras, são livros cuja narrativa se dá sem o uso da palavra escrita, e podem ter linearidade ou não, e podem ser vistos como livros brincantes pois incluem o leitor na criação de uma história, o colocam fora da posição passiva de receptor de informações e permitem diversas leituras.

Os autores brasileiros Ilan Brenman e Renato Moriconi produziram juntos três livros-imagem que exemplificam bem como uma boa ideia unida com um projeto gráfico pensado para a interação fazem da experiência da leitura de imagens uma potente exploração imaginativa. Em *Telefone sem fio* (Companhia das Letras, 2010), diversas personagens conhecidas pelas crianças falam no ouvido uma das outras. Em *Bocejo* (2011), encontramos a mesma proposta, porém com as personagens

<sup>28</sup> Fonte site Coletivo BabaYaga <https://casababayaga.com.br/2019/02/24/a-tromba/>

bocejando na frente de cenários. E, por fim, *Caras Animalescas* (2013) apresenta pequenas frases que propõem um jogo bem humorado com as ilustrações justapostas. Este trabalho de co-autoria permitiu que a obra ganhasse novas nuances e referências, sendo totalmente inspirado na arte do retrato e, segundo Brenman, o que une os três livros são: *Os retratos em pintura, o formato do livro e o caminho da linguagem. Ou seja: do silêncio do Telefone Sem Fio para as onomatopéias do Bocejo, até chegar nas frases do Caras Animalescas. Do silêncio à voz.*<sup>29</sup>



Bocejo, Telefone sem fio e Caras animalescas (esq.para direita). Renato Moriconi e Ilan Brenman, 2011,2010 e 2013 respectivamente.

<sup>29</sup> Fonte das imagens Cristiane Rogerio in Esconderijos do Tempo in <http://esconderijos.com.br/>

E não podemos deixar de lembrar da categoria livro ilustrado, livro no qual imagem e palavra têm o mesmo peso na compreensão da história, que por vezes pode ser incluída no campo do livro relacional, como por exemplo o livro *Eustáquio, o mágico magnífico* do autor Alexandre Rampazo publicado pela Editora Leiturinha em 2021<sup>30</sup>. Nele, a personagem do mágico interage com o objeto livro e convida o leitor a participar da história, criando um acordo entre leitor e personagem, além de um jogo com a própria superfície da imagem, como se fosse a *quebra da quarta parede* no cinema.



*Eustáquio, o mágico magnífico*. Alexandre Rampazo, 2021.

No livro ilustrado, o leitor tem uma posição tão ativa que, sem a observação do jogo entre imagem e texto, por vezes a história não será compreendida em toda sua totalidade. Um poético exemplo é o livro de Cristiana Gomes e Odilon Moraes, *O pai da mamãe*<sup>31</sup>, publicado em 2020 pela editora Caixote. Nele, a narradora é a neta, que conta ao seu avô como era o pai de sua mãe, e ele sempre age de forma contrária, deixando ao leitor a surpresa de serem a mesma pessoa.

<sup>30</sup> Fonte da imagem: <https://blog.leiturinha.com.br/blog/eustaquio-o-magico-magnifico/>

<sup>31</sup> Fonte da imagem: <https://www.jujubaeditora.com.br/>





*O pai da mamãe*: Cristiana Gomes e Odilon Moraes, 2020.

O trabalho com as letras, páginas, escolha do papel, encadernação, ou seja, o projeto gráfico do livro, são juntamente com o texto e a imagem ferramentas de comunicação e, como podemos perceber, os limites criativos entre um e outro são indefinidos: o ilustrador pode fazer escolhas de design, o editor pode fazer escolhas de texto e o escritor pode fazer escolhas de imagem, e muitas vezes, no caso dos livros experimentais, que brincam com a diagramação, a relação texto-imagem ou as materialidades do livro, uma pessoa exerce um ou mais papéis.

#### 4- O atual mercado editorial independente brasileiro

Em um movimento de retorno à materialidade do livro e busca por liberdade de criação, a partir de 2009, houve um *boom* no mercado editorial independente brasileiro, período no qual surgiram muitos empreendimentos voltados para a produção gráfica experimental ou de pequena escala, como a abertura de muitas novas editoras, como a Lote 42 (SP), A Bolha (RJ), Meli-melo (SP), Pingado Prés (SP); pequenas livrarias como a Banca Tatuí(SP), Banca Curva (SP); e a criação de feiras como Ugra Zine Fest e Feira Plana <sup>32</sup>.

Editoras como a Lote 42 produziram obras premiadas como o surpreendente *Bibi* (2019)<sup>33</sup> de Gustavo Piqueira, livro interativo que discute sua forma e conteúdo e convida o leitor a mudar sua capa, conforme vamos conhecendo a personagem principal.



*Bibi*. Gustavo Piqueira, 2019.

As pequenas editoras, ou editoras independentes, têm mais liberdade de criação e experimentação material dos livros por não terem a preocupação comercial de uma grande editora. Muitas vezes elas são inauguradas por escritores, ilustradores, quadrinistas ou designers que aproveitam da recente possibilidade de impressão em baixa tiragem por gráficas de qualidade profissional.

<sup>32</sup> Documentário *Impressão Minha* (2018) <https://impressaominha.com.br/> Acesso 11/11/22.

<sup>33</sup> Fonte da imagem: Site da Editora Lote 42 <http://lote42.com.br/>. Acesso 11/11/22.

Quando exclui-se a ideia do livro para atender uma certa demanda de mercado, o artista tem liberdade para falar de quaisquer assuntos, trabalhar com quaisquer materiais, o que culmina em uma imensa diversidade narrativa. Outra liberdade que uma pequena editora pode ter é a de trabalhar mais lentamente, através do movimento que é conhecido como *slow publishing*, que acompanha outras iniciativas de renovação de pensamento do consumo para uma vida mais sustentável como *slow food*, na alimentação e *slow living*, definido pela busca do domínio do próprio tempo, inclusive das horas de trabalho. Dessa forma o leitor pode encontrar livros feitos com processos extremamente manuais como serigrafia, risografia, *xerox*, mimeografia, livros encadernados à mão, entre outras infinitas incursões estéticas.

A liberdade para produzir livros que teriam mais dificuldade de serem incluídos no catálogo de uma editora comercial pode ser visto no livro-brinquedo *A Sapa Tônia*<sup>34</sup>, da autora Tati Rivoire - designer e fundadora da editora Dagoia - que conta a história de uma sapinha e suas duas mães, o livro feito artesanalmente apresenta as páginas soltas, dentro de uma caixa.



*A Sapa Tônia*. Tati Rivoire, 2019.

As feiras de publicação tornaram-se o local de encontro e de trocas criativas para muitas pessoas que desejam consumir e debater arte impressa fora do circuito

---

<sup>34</sup> Fonte da imagem: <https://www.tatirivoire.com.br/> Acesso 11/11/22

tradicional das grandes editoras e grupos editoriais. E estas redes autônomas, que beneficiam produtores de livros que não venderiam tão facilmente nas grandes livrarias, também permitem que público se aproxime do processo criativo dos artistas que, por sua vez, interagem com os leitores e podem ouvir suas percepções das publicações, o que seria inimaginável no mercado de produção em grande escala.

A editora Edições Barbatana<sup>35</sup> também apresenta em seu catálogo diversos livros com projeto gráfico experimental, que no site da editora são chamados de formatos lúdicos, dentre os quais destaco o *Era Uma vez outra vez* (2017), de Edith Chacon e Priscilla Ballarin, que foi selecionado para integrar o acervo de bibliotecas públicas (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SMESP) para integrar o acervo Minha Biblioteca em 2018 e 2021.) e *A nave vai* (2020), de Jorge du Peixe e Rodrigo Visca, que é em formato de vinil e apresenta a possibilidade do leitor ouvir o livro narrado pelo autor.



*Era uma vez outra vez*. Edith Chacon e Priscilla Ballarin, 2017.

<sup>35</sup> Fonte: <https://www.edicoesbarbatana.com.br/index.html> Acesso 11/11/22.



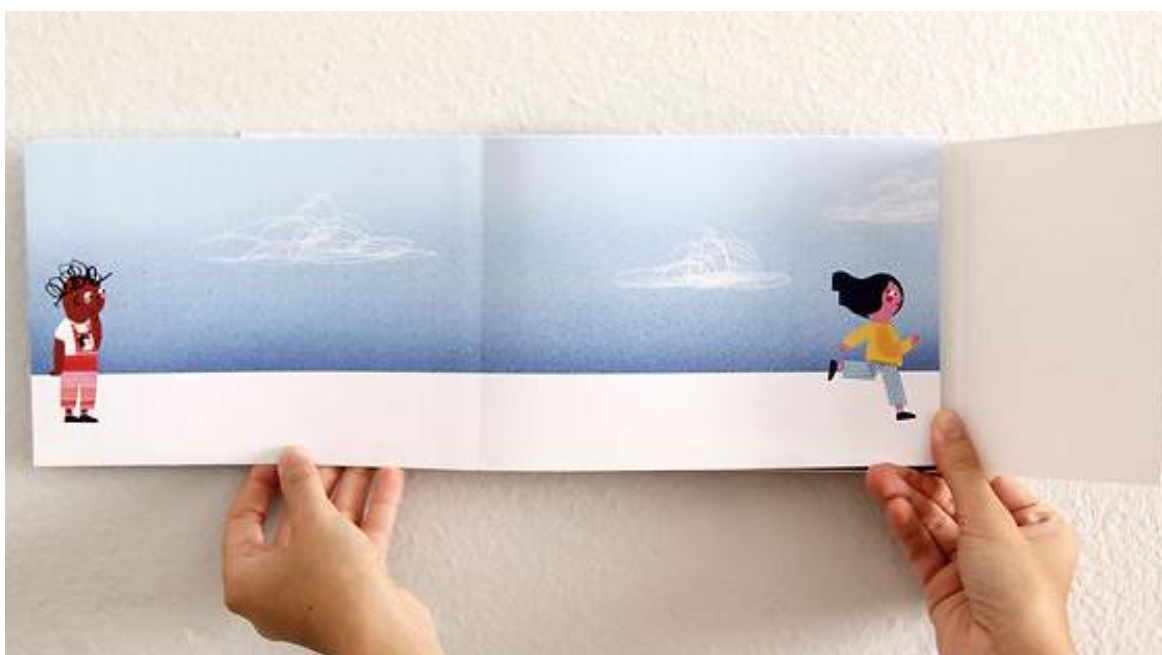
*A nave vai.* Jorge do Peixe e Rodrigo Visca, 2020.

Este movimento reflete em um reconhecimento dessa produção artística nos prêmios literários tradicionais, tais como O Selo Altamente Recomendável da FNLIJ e o Selo Cátedra da PUC, e na adoção de livros para acervos públicos, bibliotecas e escolas, tanto que a palavra *independente* vem sendo usada cada vez mais, não como sinônimo de uma pequena editora experimental, mas por editoras que querem conferir ao seu trabalho uma espécie de selo de liberdade artística.

## 5- Os Livros da Editora Tigrito

Na editora Tigrito, o estímulo para a criação de livros com formatos inusitados não surgiu pelo desejo somente da experimentação estética, mas da vontade de contar certas histórias de maneira diferente, de acrescentar outras formas de interação em uma narrativa - como a possibilidade do leitor acrescentar personagens ou abrir e fechar os vagões de um trem. Serão usados como exemplo quatro livros, sendo eles: *O salto* (2019), *Greg: o menino que morava em um trem* (2019), *Seu Tainha* (2022) e *Bicho? Que bicho?* (2021).

### 5.1 O Salto



*O salto*. Giovana Olivieri e Catarina Bessell, 2019.

O livro *O salto*, publicado em 2019, idealizado por Giovana Olivieri e ilustrado por Catarina Bessell, foi a primeira experiência com um projeto gráfico experimental e incluiu diversas características brincantes: encadernação sanfona, personagens recortados soltos e a possibilidade de abertura total da sanfona. Este livro sem palavras mostra duas crianças brincando até que uma delas se depara com um medo congelante, sob a figura de um precipício ou um buraco, que o faz ficar parado

na beira enquanto sua amiga continua o trajeto sem ele. A capa foi projetada com uma divisão no meio, trazendo também a ideia de dois lados do precipício.

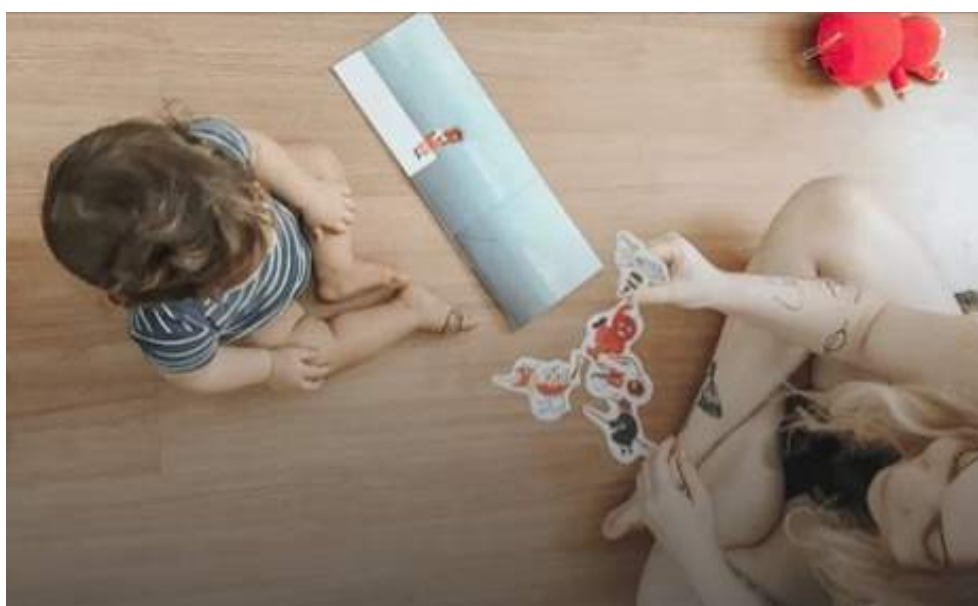
O original de Giovana Olivieri, já priorizava a imagem e apresentava poucas palavras que foram suprimidas totalmente no projeto final. Nele, o menino encontra, dentro deste buraco ou precipício, figuras que representam os seus medos, são elas: uma bruxa, um demônio, uma abelha e ele mesmo com a perna quebrada. No original, o livro seria em formato tradicional e ao virar cada página o menino se encontraria com um medo e na próxima lutaria com o mesmo. Nós chegamos à conclusão que colocar os medos soltos dentro de um envelope traria mais possibilidades de brincadeira, mais possibilidades de criação de narrativas e resolução de seus próprios conflitos.



Na ideia inicial da autora Giovana Olivieri, que é educadora, contadora de histórias e arte-terapeuta especializada em bebês, o livro traria poeticamente o desenvolvimento da autonomia da personagem e o amadurecimento do mesmo simbolizados com estes conflitos, porém também entregava uma resposta pronta de como cada conflito seria finalizado, o que acabamos trocando por uma proposta totalmente aberta ao leitor brincante. O livro foi produzido em uma tiragem de apenas cem unidades, coladas e dobradas manualmente pela artesã Mariah Portella Vivas.

Recebemos de algumas famílias registros da exploração dos livros, tanto por crianças já alfabetizadas, quanto por bebês. Os pequenos leitores, que são irmãos de respectivamente 4 e 7 anos, nos surpreendem com a leitura do livro todo aberto no chão, diferente do que havíamos programado inicialmente, dessa forma eles utilizam as personagens em diversos momentos da história. Já o bebê, com sua mediadora, vê a apresentação das personagens com o livro fechado.

Na produção do livro havia uma preocupação em relação à resistência de seu material para que ele pudesse ser manuseado pelas crianças, porém percebemos que o papel resiste bem. Nossa preocupação de adulto, ou consciência do objeto, foi alegremente desmentida pelos leitores, alguns até passaram de um irmão para o outro.

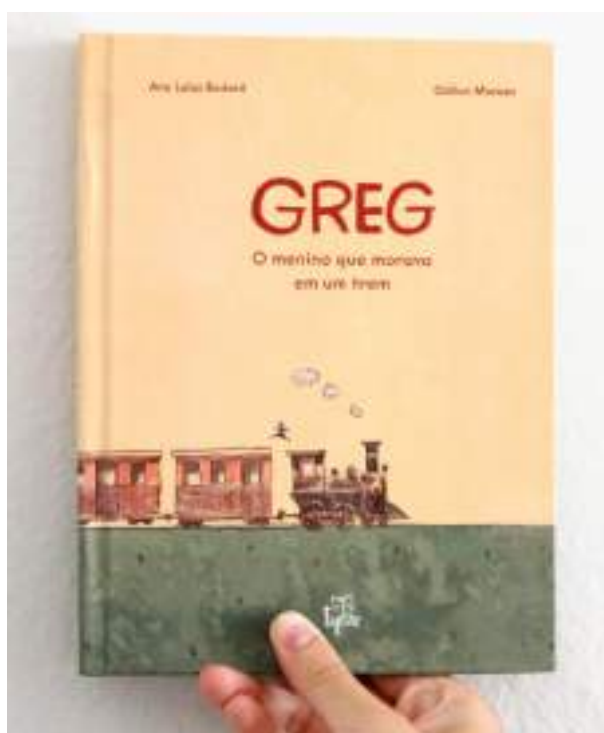






Registros enviados pelas famílias das crianças e/ou postados pelas mesmas em suas redes sociais.

## 5. 2- Greg: o menino que morava em um trem e Seu Tainha



*Greg, o menino que morava em um trem.* Ana Luiza Badaró e Odilon Moraes, 2019.

Os dois livros que escolhi aqui como exemplo têm algumas coisas em comum: ambos foram enviados para os leitores de um grande clube de leitura, ilustradores experientes e envolvidos na produção do livro, interferências simples no projeto gráfico que são percebidas como uma continuação da narrativa e temas fraturantes como separação dos pais e morte.

O livro *Greg: o menino que morava em um trem* (2019), escrito por Ana Luiza Badaró e ilustrado por Odilon Moraes, chegou até a editora com seu projeto gráfico bem desenvolvido, com sugestões de tamanho e a inclusão de uma dobra em sanfona no final do livro. O livro narra a história de um menino que mora em um trem e vivencia a separação de seus pais, que decidem morar em vagões diferentes, e a entrada e saída de pessoas de sua vida. A narrativa explora o momento após o divórcio, de estruturação de novos núcleos familiares e novos desafios afetivos.

A pedido do ilustrador Odilon Moraes, o tamanho do livro deveria ser pequeno, para caber nas mãos do leitor e trazer a sensação de intimidade, acrescido a isso, gostaria de uma encadernação em capa dura e a inclusão da dobra em sanfona no final, que revela a dimensão do trem, com todos os seus passageiros. Odilon Moraes, como autor e pesquisador da história do livro ilustrado, neste livro nos emociona com túneis escuros cuja duração expressa os sentimentos da personagem e nos deixam em suspenso, ao lado do menino que se vê diante de tantas incertezas. O aumento da duração dos túneis foi sugerido pela designer Bettina Birmarcker e isto adicionou uma enorme intensidade de emoção à narrativa.

A história deste menino, que aparece tão pequenininho na capa saltando de um vagão ao outro, talvez pudesse ser contada sem o acréscimo da dobra em sanfona ao final, mas, de certa forma, as dobras remetem ao movimento do trem, esticar as páginas funciona quase como um respiro fundo ou um sorriso aberto no final, uma visão de todos os vagões, onde todas as pessoas que entraram e saíram de sua vida estão presentes e que, real e metaforicamente, colocam todo o universo da personagem em perspectiva<sup>36</sup>

O livro recebeu o selo Altamente Recomendável da FNLIJ, na categoria Criança e foi distribuído pelo Clube Quindim, nos dando a chance de alcançar mais leitores com uma tiragem maior.

---

<sup>36</sup> Assistir a entrevista dos autores no Youtube da Editora Tigrito  
[https://www.youtube.com/channel/UCCa-zyKQ\\_27liFdPtgz5eUQ](https://www.youtube.com/channel/UCCa-zyKQ_27liFdPtgz5eUQ) . Acesso 11/11/22.



Imagem das páginas em formato de sanfona do livro Greg, o menino que morava em um trem (2019)

O livro *Seu Tainha*, escrito por Janaína de Figueiredo e ilustrado por Bruna Lubambo, conta a história de um velho barco de pesca chamado Seu Tainha e de um menino caiçara que nutrem uma inesperada amizade a partir de uma janela. As ilustrações foram todas pintadas em madeira, trazendo para imagem a materialidade do barco de pesca, que narra o livro em primeira pessoa, quase como marcas de expressão em um corpo humano.

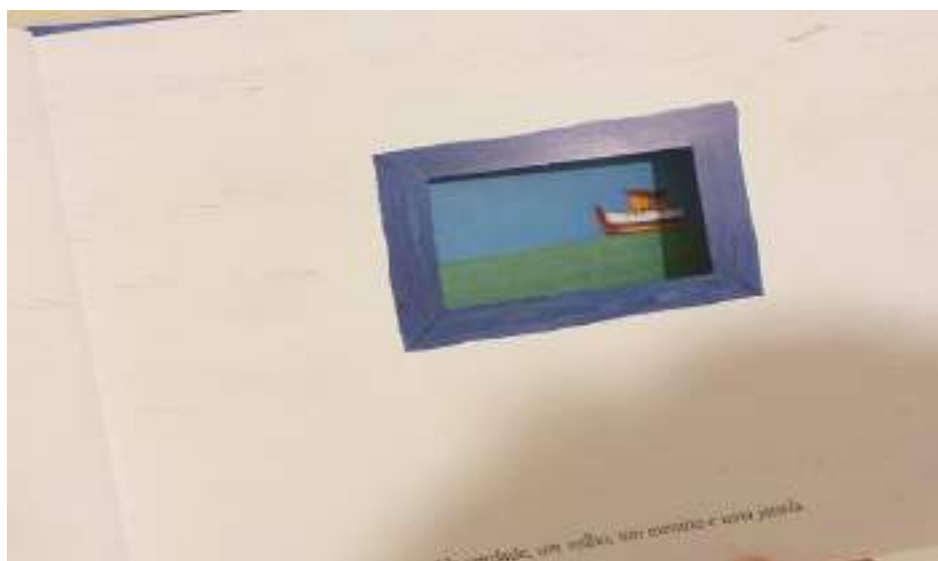


*Seu Tainha*. Janaína de Figueiredo e Bruna Lubambo, 2022.

O elemento relacional do projeto gráfico deste livro é uma janela feita em *faca especial*, que aparece no início e final do livro. A *faca especial* é um equipamento que a gráfica possui que serve para corte do material impresso, para criar dobras, vincos e cortes em formatos determinados. Quando pensamos na construção de uma imagem, o corte permite a visão de duas partes sobrepostas, criando novas possibilidades narrativas, como observamos nos livros de *peep-show* e *pop-up*, bem como nos livros objeto.

A inclusão desta janela permite ao leitor brincar com as perspectivas do barco e do menino, bem como do dentro e fora da casa. A criança pode experimentar olhar através dela, como se fosse uma das personagens, bem como colocar o livro de pé e fazer do mesmo uma casa. Um elemento vazado ou em sanfona instiga o leitor a movimentar o livro, ir e voltar, quebrando a sequência narrativa linear.





*Imagens da faca especial do miolo do livro Seu Tainha (2022)*

Fizemos algumas perguntas à ilustradora Bruna Lubambo, sobre o processo criativo do livro<sup>37</sup>:

*1) Por aqui, nós somos apaixonados pelas ilustrações de Seu Tainha, todas feitas em madeira. Pode nos contar como foi o seu processo de criação? Você pensou em pintar em madeira desde o início? Quanto tempo você levou para criar todas as ilustrações?*

*Quando a Janaína me chamou para ilustrar Seu Tainha eu estava com um pequeno estoque de madeiras de Louro de embarcação que comprei lá no Cais José Mariano (Recife), para fazer xilogravuras. Inicialmente eu não pensei em usar madeira, fiz os primeiros "rabiscos" no papel e na hora de finalizar uma ilustração eu lembrei dessas madeiras que justamente eram de embarcação, como Seu Tainha. Aí eu pensei, tenho que fazer Seu Tainha na madeira de embarcação! Claro! Hehehe. Eu fiz os primeiros testes nessas madeiras, a Janaína curtiu e resolvi seguir nessa linha. Porém tive que trocar a madeira, porque a largura das madeiras que eu já tinha era curta demais para as páginas duplas que eu iria trabalhar. Aí eu larguei mão do louro de embarcação e fui para o compensado de*

---

<sup>37</sup> Entrevista cedida por Bruna Lubambo para divulgação nas redes sociais da editora Tigrito. <https://www.editoratigrito.com/post/entrevista-com-a-ilustradora-bruna-lubambo>

*tauari. Mas a ideia inicial continuava ali (sem contar que também dá para fazer barco de compensado naval de tauari! hehe). Para pintar resolvi usar só tinta de parede branca com pigmento Xadrez, usando muitas cores primárias (vermelhão, azulão, amarelo). São cores que eu vejo muito nos barcos do litoral norte de Pernambuco, em especial na Ilha de Itamaracá, onde meus pais moram e onde eu passava minhas longas férias de verão durante a infância e adolescência. Sobre o tempo, não me lembro ao certo... Tivemos algumas idas e vindas, refiz todos os rascunhos iniciais... tivemos ilustrações adicionais... se juntar tudo deve ter ido pra mais de 6 meses. Foi trabalhozinho.*

*2) Como surgiu o visual do Seu Tainha? Em sua infância, você teve contato com barcos de pesca como o da história?*

*Acho que acabei respondendo na 1. Tive sim contato, apesar de eu ter crescido no interior de Minas e ainda morar no interior do Brasil (em BH), minha família é toda praiana, de Pernambuco (onde também se pesca tainha). Todas minhas férias eram na casa de voinha, com cheiro de sargaço. Na minibi do livro eu conto um pouquinho disso. Subir nos barcos ancorados na praia e brincar de saltar deles era uma das brincadeiras favoritas. Ainda é na verdade.*

*3) O projeto gráfico de Seu Tainha tem uma janela, que é uma faca especial, nos conte como surgiu essa ideia e como ela influencia a narrativa visual.*

*A ideia surgiu com o texto. Essa coisa que a Janaína traz de brincar com os dois lados que se encontram por uma janela: de um lado o menino, do outro o barco. Inicialmente eu ia trabalhar essa ideia dos lados na página par e na página ímpar (página da esquerda e página da direita). A página da direita seria o mar e o barco, que se movimentaria ali até vazar para o outro lado, que seria do menino e da areia (que também iria ali na página da esquerda brincar de observar o mar e o barco). Mas as ilustrações ficaram com muitas lacunas e o texto da Jana também é muito aberto, poético. Daí a gente avaliou que faltavam algumas ancoragens importantes que seria legal a ilustração trazer. Refiz todos os rascunhos e, naturalmente, a narrativa visual. Daí essa ideia dos dois lados saiu do "página direita x página*

esquerda" e foi para o "dentro x fora". Achei que a faca especial da janela para entrar na história e depois para sair da história iria dar corpo a essa proposta.



### 5.3 - Bicho? Que bicho?



Bicho? Que bicho?. Edith Chacon e Joana Velozo, 2021.

O livro *Bicho? Que bicho?* escrito por Edith Chacon e ilustrado por Joana Veloso, publicado em 2021 é um livro de adivinhas de bichos que segue o estilo poético e divertido da escritora. Com a leitura do original logo lembrei-me do trabalho de Joana Veloso que cria estampas inspiradas nas plantas brasileiras e imaginei os bichos dos poemas escondidos entre as plantas. É um desafio pensar em um livro de adivinhas ilustrado de forma que não entregue as respostas das charadas, e pensando nisso, chegamos à ideia de um mapa que aberto mede 44,4 x 41,6 cm e nele os bichos podem ser encontrados escondidos entre as plantas. Joana Veloso utilizou cores incomuns como vermelho, rosa e azul, fugindo das cores reais dos animais e das plantas, para tornar a procura ainda mais interessante. A capa tem dois lados que se fecham sobre o mapa dobrado, que fechado fica no tamanho 15,2 X 21,4 cm. Os livros são colados à capa manualmente aqui na editora e em seu verso podemos encontrar as pegadas dos bichos dos poemas.



Bicho? Que bicho?. Edith Chacon e Joana Veloso, 2021.

Este livro feito de materiais simples - papel couché 250g e papel offset 90g - que à primeira vista nem é percebido como livro, recebeu o Selo Altamente Recomendável da FNLIJ, na categoria Poesia e foi selecionado para fazer parte do Acervo das Bibliotecas Públicas de São Paulo. Os registros dos leitores nos surpreenderam já que, além de se divertirem com a leitura das adivinhas, criaram



interações totalmente inesperadas com o objeto livro, o livro tornou-se águia, elefante, casa e cachorro.

A pesquisadora Talula Trindade, falou um pouco em seu perfil literário do Instagram sobre a sua visão do brincar a partir do livro:

Adoro quando o objeto livro é repensado, reformulado, ganha novos formatos, além do folhear de páginas. Mas fico ainda mais impactada quando o conceito de livro “brincante” é colocado à prova - porque há uma ideia muito arraigada de que o brincante está relacionado às crianças bem pequeninas. “Bicho? Que Bicho?”, da Edith Chacon, é desses brincantes que extrapolam conceitos bobos de etarismo. É um livro jogo, dividido em oito poemas, com um texto cheio de referências - que vão de Kafka à Clarice Lispector - que vai fazendo questionamentos e deixando pistas sobre o animal ali descrito. Porque o brincante não precisa ser simplório: ele pode ser instigante, questionador, ter um texto refinado... Amei a brincadeira de dobradura nas páginas, amei também as ilustrações da Joana Velozo, em lápis de cor, cheias de elementos da natureza, com cores super vibrantes. Bonito demais quando o brincar é compreendido como “do humano” e não como uma etapa cronológica. O nome disso é respeito!<sup>38</sup>

O livro é um poderoso ativador da imaginação, neste projeto não indicamos em nenhum momento que o formato do livro sugeriria o corpo de animais, mas os leitores criaram, inspirados pelas leituras, um brinquedo novo. A criança quando é apresentada ao objeto livro com liberdade, quando a leitura e a convivência com as histórias faz parte de seu dia-a-dia, ela cria uma relação de intimidade com o livro e logo ultrapassa a forma pré-concebida e se transforma em uma massa moldável para a criatividade. O livro, quando faz parte do cotidiano da criança, recebe a mais alta honraria, sendo considerado um brinquedo entre os demais.

---

<sup>38</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/letra\\_emendada/](https://www.instagram.com/letra_emendada/). Acesso 10/09/22.

## 6- Leitores brincantes e a figura do mediador

A relação das crianças com o livro muitas vezes envolve um mediador adulto, seja ele um familiar ou professor, que podem estar junto dos pequenos leitores como importantes facilitadores daquela experiência. Como os adultos lidam com o objeto livro quando ele é apresentado para as crianças? Muitas vezes temos a experiência frustrante de nos identificarmos com uma leitura e ao apresentar para os pequenos elas não causarem nenhuma comoção, ou mesmo de termos receio das crianças rasgarem ou danificarem um livro. A mediação envolve a expectativa, a experiência prévia e as crenças do adulto.

Quando o contato é com um livro brinquedo ou um livro brincante, a mediação aproxima o leitor do hábito de estar com os livros e de ler as palavras, estimula a leitura material do mesmo, assim como a leitura do texto e a da imagem através do estímulo do prazer e da brincadeira.

A importância da mediação da leitura começa na seleção ou na circulação por lugares onde o acesso a livros-brinquedo de qualidade literária exista. Esses livros tentam gratificar o leitor-criança que abre e manuseia o livro, validando uma relação com o prazer e a apreciação direta, convidando a ações interlocutórias e a jogos de significação em diversos campos (narrativo, geométrico, numérico, linguístico, espacial, lógico etc).(PAIVA, 2013)<sup>39</sup>

O autor Jorge Larrosa, em *O enigma da infância – ou o que vai do impossível ao verdadeiro*<sup>40</sup>, sugere que o encontro com a criança é o encontro com o *outro enigmático*. Tais encontros podem ser a partir da *identificação*, o adulto se vê na criança; da *apropriação*, o adulto molda a criança e da *experiência*, o adulto vê/ouve a criança.

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. (LARROSA, 2006. p.184)<sup>41</sup>

<sup>39</sup> Entrevista da pesquisadora Ana Paula Paiva . Disponível em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/o-que-e-um-livro-brinquedo.html>. Acesso 11/11/22

<sup>40</sup>LARROSA, Jorge. *O enigma da infância – ou o que vai do impossível ao verdadeiro* in Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<sup>41</sup> Idem

Este outro, com sua simples presença, deixa o adulto inseguro ao questionar seu poder, seus saberes instituídos. Um livro com materialidade inusitada também causa insegurança: Isso é um livro? Como se lê? A liberdade da criança é intolerável para o adulto, sua selvageria e inconformidade explicita o quanto conformes e domados nós somos. E como resposta, defesa à ameaça ao que consideramos saber e ser, o adulto se relaciona com a criança frequentemente com o ímpeto do domínio, com totalitarismo.

A produção de bens culturais, dentre eles os livros, estão sob a sombra do incômodo adulto perante a ingovernabilidade da criança real e se distanciam de uma construção de sociedade igualitária, ética e inclusiva. Pensar a criança como enigma e potência e o adulto como autoritário, me leva a pensar na criança leitora e no adulto produtor de literatura. Como se dará a relação do leitor enigmático e do autor totalitário? Será que não estamos reproduzindo nosso ímpeto de domínio através dos livros? Será que um livro brincante não ameaça os nossos lugares de poder?

O grande diferencial desse artefato (o livro brinquedo) consiste no seu traço estético, que motivam as crianças convidando-as para leitura interativa, justamente pela sua característica brincante e sensorial: O livro-brinquedo, suporte que se caracteriza pelo menos estrategicamente pelo divertimento acionado na expectativa materializada da obra que pula, dobra, escreve, apaga, gira, cheira, monta, desmonta, sobe, desce, estica, dimensiona, movimenta etc., provoca uma desmistificação do livro que fica na mão do professor na hora da leitura, ao convidar o leitor a uma apreciação manuseada, autônoma – que provocaria sentido –, afastada do distanciamento, da restrição, ora da reverência ao formal e de uma obrigatoriedade da leitura de seguimento linear. (PAIVA, 2013, p.31)<sup>42</sup>

Apesar de sabermos que não existe uma “criança única” quando produzimos um livro, esperamos que o leitor seja único. Quem sabe guiados por nossa identificação com nossa própria infância, ou mesmo pelo desejo, mesmo que inadmitido, de “moldarmos” as crianças a partir de nossas crenças, oferecemos livros que expressam nosso conflito entre enigma infantil e saber adulto predominante.

E como produzir literatura que fuja de nosso autoritarismo e considere uma visão plural da criança? Imagino que, com a introdução de temas não moralizantes, menos didatizantes, talvez tenhamos mais possibilidade de ouvir/ ver a criança real, ou seja a criança única, não idealizada, vislumbrar seu mistério, conviver com o seu

---

<sup>42</sup> DEBUS, Eliane Santana Dias e GONÇALVES, Fernanda. Livros-vivos nas mãos de crianças brincantes: muitas histórias para contar, 2018.

selvagem. A literatura quando poética, com mais lacunas, poderá deixar a criança entrar. Possivelmente, um livro “aberto”, cheio de indefinível beleza, possibilitará que o leitor criança se veja e o adulto esteja junto, sem imposições, e dessa forma nos encontraremos através dele, do livro, quiçá transformados.

## 7 - Considerações finais

Só na espera tranquila do que não sabemos e na acolhida serena do que não temos, podemos habitar na proximidade da presença enigmática da infância e podemos nos deixar transformar pela verdade que cada nascimento traz consigo.<sup>43</sup> (LARROSA, 2006, p 196).

É um desafio ingrato escrever uma conclusão sobre um tema tão fascinante como o livro, melhor seria chamar de pausa, pois sabemos que o encantamento por este poderoso objeto sempre acompanhará a humanidade. A vontade de criar e explorar o livro continuará e no, que diz respeito ao livro interativo brincante para infância, o maior desafio é deixar que ele seja lido e experimentado, vivido pela criança.

Segundo Sigmund Freud<sup>44</sup>, para a psicologia, a criança age como um escritor criativo quando brinca, dessa forma, brincar é uma atividade criativa construtiva, da mesma forma que escrever é uma atitude brincante.

*Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrada? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispende na mesma muita emoção.<sup>45</sup>*

Ou seja, o livro quando vivenciado por uma criança será inevitavelmente um brinquedo, sendo ele interativo ou não, e o livro é também para o escritor, ilustrador, editor e o mediador adulto uma forma de brincar e elaborar o mundo. Quem sabe a melhor forma de criarmos melhores livros, e melhores futuros, seja através do brincar, do encontro com as infâncias e a escuta de suas percepções livres do mundo.

---

<sup>43</sup> LARROSA, Jorge. *O enigma da infância – ou o que vai do impossível ao verdadeiro* in Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<sup>44</sup> Sigmund Freud (1856 - 1939) foi um neurologista e psiquiatra austríaco. Freud foi o criador da psicanálise e a personalidade mais influente da história no campo da psicologia.

<sup>45</sup> FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio (1908/1907). Fonte:

<https://www.portalentretextos.com.br/post/escritores-criativos-e-devaneio-1908-1907>

## Referências

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do gato, 2012.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas para crianças*. São Paulo: Editorial Planeta, 2011.

CADÔR, Amir Brito. O signo infantil em livros de artista. in Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 59 - 72, mai. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15430/12287> Acesso em 11/11/22.

COSTA, Jessica Franco Spilla. *Bebês e livros: um estudo sobre edições para pré-leitores*. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/28364/1/documento.pdf>. Acesso em 20/09/22.

DEBUS, Eliane Santana Dias e GONÇALVES, Fernanda. *Livros-vivos nas mãos de crianças brincantes: muitas histórias para contar*. Revista Horizontes, v. 36, n. 2, p. 125 - 132, mai./ago. 2018. Disponível em <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/507/292>. Acesso em: 10/10/2022.

FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneio* (1908/1907). Disponível em <https://www.portalentretextos.com.br/post/escritores-criativos-e-devaneio-1908-1907> Acesso em: 10/10/2022.

LARROSA, Jorge. *O enigma da infância – ou o que vai do impossível ao verdadeiro* in Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MARTINS, Maria Clara Amado. *As fronteiras culturais nas artes visuais. A obra de Lygia Pape*. 2014 <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/viewFile/29783/16785> Acesso em 20/09/22.

## Links pesquisados

Editora Tigrito: <https://www.editoratigrito.com/>

Editora Barbatana: <https://www.edicoesbarbatana.com.br/index.html>

Editora Jujuba: <https://www.jujubaeditora.com.br/Nina-e-Ludovico-magica>

Coletivo BabaYaga: <https://casababayaga.com.br/2019/02/24/a-tromba/>

Editora Leiturinha: <https://blog.leiturinha.com.br/blog/eustaquio-o-magico-magnifico/>

Editora Lote 42: <http://lote42.com.br/>

Tati Rivoire: <https://www.tatirivoire.com.br/>

Entrevista com Odilon Moraes e Ana Luiza Badaró:

[https://www.youtube.com/channel/UCCa-zyKQ\\_27liFdPtgz5eUQ](https://www.youtube.com/channel/UCCa-zyKQ_27liFdPtgz5eUQ)

Entrevista com Bruna Lubambo:

<https://www.editoratigrito.com/post/entrevista-com-a-ilustradora-bruna-lubambo>

Entrevista de André Letria:

<https://www.youtube.com/watch?v=xt0Md6qJtto>

Entrevista de Ana Paula Paiva:

<https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/o-que-e-um-livro-brinquedo.html>

Entrevista Tizuko Morchida Kishimoto:

<https://www.youtube.com/watch?v=09w8a-u-AUU>

Enciclopédia Itaú Cultural Online sobre a obra de Lygia Pape:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape/obras>.

Enciclopédia Itaú Cultural Online *sobre Livro Poema*, Lygia Clark. 1957

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape/obras>.

Enciclopédia Itaú Cultural Online *sobre O Livro da Criação*, Lygia Clark. 1969

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape/obras>.

Enciclopédia Itaú Cultural Online: Verbete Livro Objeto  
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14340/livro-de-artista>

Enciclopédia Itaú Cultural Online: Verbete livro de artista  
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14340/livro-de-artista>.

Museo Reina Sofía, montagem da obra O Livro da Criação, Lygia Clark.1969:  
<https://vimeo.com/138172224>

Sobre Volvelles:  
<https://iastate.pressbooks.pub/cardinaltales1/chapter/rare-book-highlights-volvelles/>

Livro de anatomia com abas (flap-book) Kleiner welt spiegel, das ist, abbildung göttlicher schöpfung an dess menschen leib : mit beygesetzter schriftlicher Erklärung so wo zu Gottes Weissheit : als dess menschen selbst erkandtnuss dienend":  
<https://www.cnet.com/science/17th-century-flap-book-details-the-wonders-of-anatomy/>

Sobre *Harlequinades*:  
<http://blogs.bodleian.ox.ac.uk/theconveyor/harlequinades/>.

Sobre *peep-show books*:  
<https://www.ssgreatbritain.org/collection-stories/thames-tunnel-peepshow-1830/>

Livro pop-up Pinochio:  
<https://historical.ha.com/itm/books/children-s-books/-pop-up-book-harold-lentz-animat-or-the-pop-up-pinocchio-blue-ribbon-1932-first-edition-animated-with/a/6100-36428.s>

Sobre Arte Relacional:  
[https://www.catalogodasartes.com.br/historia\\_arte/tDc/](https://www.catalogodasartes.com.br/historia_arte/tDc/)

Imagens dos livros de Bruno Munari:  
<https://www.flickr.com/photos/officinacreativa/sets/72157603321794219/>

Blog Esconderijos do Tempo sobre os livros de Renato Moriconi e Ilan Brenman:  
<http://esconderijos.com.br/>

Documentário Impressão Minha (2018):  
<https://impressaominha.com.br/>